

SÍNDROME NIHILISTA:
O SENTIDO DA PERFEIÇÃO
FAZ O ARTISTA SOFRER?

1. O Tempo Vergado

Se eu, no meu atelier, tiver dois dispositivos radiofónicos, um a cada canto, o som não é simultâneo, há sempre um deles que se atrasa. São dois dispositivos. Se fosse um dispositivo com duas colunas, em vez de dois dispositivos, o som seria simultâneo de um canto para o outro. Isto demonstra a complexidade da nossa vida actual. A complexidade como que atrasa a nossa percepção do tempo, por isso andamos amaranhados em dispositivos, para não dizer na internet, onde tudo parece mais perfeito, entre o analógico e o digital. Isto afecta a nossa noção do tempo, pois estava como que debruçados e ao mesmo tempo vergados pelo tempo e escravos dele, da noção que temos ou não temos dele, confundindo-o até com a divindade ou as nossas divindades "locais". Será que, noutra sentido, o nihilismo do artista o faz proporcionar ser artista, ou seja, criador? Será que o Deus que conhecemos não é senão um artista, seja escritor seja pintor, escultor ou músico, no sentido em que

cria constantemente e assim se eleva à imortalidade? Compreendamos esse mecanismo. Assim como Deus criou do barro, podemos dizer, a partir da Bíblia, que Deus seria um artista ceramista. Mas também calceteiro, pois nesta actividade há toda uma arte e não será que o homem cumpridor socialmente seja também artista, ou seja, a arte de viver e conviver bem, diante dos ditâmes de uma sociedade que é preciso defender (Foucault, *É preciso defender a Sociedade*)?

2. PATOLOGIA CATÁRTICA

Assima, há no artista, nomeadamente no pintor, uma vontade de catarse, de conserto e concerto do Mundo (*Timeu*, o homem que é jogado fora e a partir do mundo), do seu e do dos outros, ou seja, a criação de um mundo consertado e concertado, como se as pequenas perceções permitisse e impedissem tal. Por vezes, diz-me, mesmo no desporto, que os pormenores são tudo, assim a mania da perfeição de certas patologias cria a necessidade de as legitimar, não as elidindo, fazendo com que elas façam parte do quadro pictórico e do quadro da vida social. Uma visão *etic* e *emic* mais ou menos mecanicista da sociedade enquanto organismo

vivo, que se conceitua na combinação entre imperfeição e perfectibilidade.

Ora, se a perfeição faz o artista sofrer, podemos pensar que o sofrimento é inerente à criação artística, logo à criação do mundo, permita-se-nos a analogia um pouco excessiva, alargada, então, se fizermos equivaler o Criador ao artista, sofrer faz parte do processo criativo e se a Criação (do humano) é um processo criativo, como ter filhos se pode conceber enquanto tal, logo o sofrimento, como a catarse, faz não só parte do processo criativo e do mundo enquanto tal, logo é preciso sofrer para sentir a felicidade do Estar e, mais a catarse, como se fosse um alívio de um *pathos* indescritível, mental e físico, psíquico...Podemos, então, plantear diversas figuras, digamos, logísticas: o actor, o actor social, o autor, o autor social, o artista. Suponhamos que aquilo que realiza, entre o Ser e o Parecer, o sujeito, é ter um papel social. Mas eu pode ser autor....escolher ser ator, daí o seu papel será fictício, quando pode ter ou ser diversos papéis sociais. Assim se estende a sociologia do sujeito; nos vários papéis de que dispõe e que assume, quer querendo quer não, em termos de identidade.

3. PATHOS e PAPÉIS SOCIAIS: O PRINCÍPIO DA EQUIVALÊNCIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO SUJEITO

Assim, o que mais nos custa é tanto a extrema solidão quanto a extrema fama e sucesso (social, contextual), de modo que, até segundo as personalidades, pois nem todos são moderados (Cícero), temos de regular constantemente o nosso discurso e nosso comportamento, práxis, de modo a, numa perspectiva ética, dar conta da forma como evoluímos no tecido (entret tecido) da realidade social. Portanto, se causar dor a solidão (física), a fama e o sucesso sociais também causa delírios destravados, ou seja, em ambas as situações há dor e sofrimento, mas também o há quando cumprimos determinado papel enquanto actores sociais, durante muito tempo, daí o pathos, a phonesis e a sublimação, ou seja, a medida de exceder e até revelar como jouissance um determinado papel social, nomeadamente em termos de *festa* (Jean Duvignaud). Vejamos, por exemplo, uma criança, que é já bastante atreita a comunicar com o mundo visível. O melhor que podemos fazer a uma criança para mesmo evitar depressões ou doenças psíquicas é dar-lhe uma pequena responsabilidade, para que se sinta útil. Falo disto enquanto antropólogo, pois o senti durante bastante tempo e embora a responsabilidade seja um "enchimento" do Ego e do

Tempo do Ego (Será que o Tempo pertence a alguém, ou eu pertenço a mim mesmo e ao meu tempo, adestramento dele também?) em termos de stresse mental, mas tudo isso se pode gerir, como por exemplo, numa equipa de futebol, em que a tensão do treinador passa a certos jogadores para o campo mais em termos de "distribuidores de jogos", como se diz em vernáculo futebolístico, expressão que vem diretamente do andebol. Depois, que relação haverá entre o problema dos refugiados na europa e este vírus? Falo de Itália, da Grécia, da Espanha obviamente, mas também de Portugal.

4. O USO E O USUFRUTO, O CONCEITO DE BESUGO: UMA TEÓRICA RELAÇÃO ENTRE MIGRAÇÕES, ETNICIDADE E ESPAÇO

Grande parte, porém, dos sujeitos que se julgam criadores, julgam ser grandes artistas e esquecem-se do mundo e, na sua ambição pela fama, produzem obras de arte que duram pouco tempo, ou são tão boas que chegam a um pico, como a doença e depois esquecem-se de viver (Ricoeur, *Vivant jusqu'a la Mort*). Portanto, o besugo, personagem filosófica, não é humano, é como uma bolota de qualquer coisa que se transmite e entra no nosso corpo e se instala, tal como um vírus, ou uma coisa boa. Partimos do princípio de que o vírus provém do Mal, porque causa morte. Mas qual será, exatamente, a ideia do vírus? Não é um ser humano, não pensa. Mas qual será a sua lógica última? Bem, para já alterou as relações humanas radicalmente. Mas será que estas voltarão a ser as mesmas? Dizem que este vírus não é novo, que é uma mutação, talvez certas medidas de políticas de legitimação da esquerda e da direita tenham feito com que o nosso território se torne num espaço de fácil conquista para ele. A solução, pelo menos para os pontos de vista psicológico e emocional, seria prepara as pessoas para viver em sociedade, porque muitas não sabem, efectivamente,

conviver com os outros, diria a maior parte dos jovens e dos mais velhos sem instrução, talvez fosse melhor do que isolar o vírus e acantonar as pessoas em casa, bem algumas até aproveitam para tirar umas férias e estar com os filhos, fazerem com eles o que não fazem o resto do tempo, devido às suas ambições de carreira... Mas façamos conta de que o vírus é o besugo, ideia que provem da ideia de uso, usufruto.

O sociólogo António Barreto, ideólogo de uma certa forma de se ser português, diz que "deveríamos já estar preparados para esta epidemia". Talvez queira dizer que deveríamos de deixar de ser tão calorosos como identitária e historicamente somos. Não o vamos deixar de ser tão cedo e não será apenas por causa do tempo. O besugo vai andar ainda por aí durante muito tempo, no uso que fazemos das coisas, dos sentimentos e das ideias. O que é certo é que o vírus alterou as nossas relações humanas e sociais. Não sabemos ainda em que medida, mas em breve saberemos. O homem não se define pela sua essência, porque a sua essência é definida pela relação com os outros. O homem define-se, essencialmente, pela forma como lida com o Outro, este o grande ensinamento mundialmente amplo de toda e qualquer antropologia.

5. GRÃOS DE AREIA DE POUCO DESERTO: O SUJEITO ENQUANTO FENÓMENO SOCIAL TOTAL

Será, em certos termos, possível ser autor, actor (*strictu senso*) e actor social, não em termos do sujeito, mas do que os antropólogos dizem ser um "fenómeno social total", tal como acontece com a dádiva entre os kwakiutl, descrita por Marcel Mauss, o lídimo sobrinho de Émile Durkheim? Ou seja, o sujeito funde-se em qualquer coisa que é mais do que social, é excrescência dele mesmo e do seu grupo, numa palavra, o transcendente, eis o que Nietzsche quereria dizer com Zarathustra e o mito do super-homem, de que o jogador de futebol total que é Cristiano Ronaldo atesta.

Pelo que eu vejo, esta doença, este vírus cosmopolita, apenas nos pede que sejamos mais racionais nas relações, o que creio não ser, de todo, um princípio negativo. Digamos que enquanto o filósofo concentra tudo na sua cabeça, na sua imagem de sujeito, sem nomear, sem dar categoria de espaço ou de tempo a qualquer coisa por uma questão de liberdade, já não digo de democracia, mas o antropólogo precisa disso porque a sua ciência é precisa e precisa dos factos para os relacionar em prol de uma propedêutica e apocalíptica da

sociedade, confundido então nas babélicas significações e significados de signos e símbolos, como Victor Turner em África ("The Forrest of Symbols"). Assim, a nosso ver, o sujeito passa a ser fenómeno social total quando a sua percepção está aguda, mas também quando está a dormir, fisicamente, ou *surprendidos* (a expressão é de Paulo Valverde) no sono dogmático, vejam-se obras como as de Gèzá Róheim ou Carl Jung, para não falar de Piaget e Bachelard.

6. A DISTÂNCIA, DO (MEIO) MEDO AO CONHECIMENTO QUE NÃO PRECISA DE SER CIÊNCIA: LOCALIDADE, CONTEXTO E HERMETISMO UNIVERSAL EM CERTAS FORMAS DO SER

Portanto, ainda seguindo um pouco o pensamento de Paulo Valverde, um dos melhores cultores de Wittgenstein entre nós, conceitos como territorialização, mito da vagina dentada, colonialismo, são devidos aos seus anos de apurado estudo, cortados com uma doença no mato, como se resto aconteceu com outros, como acontece connosco com a gripe. Portanto, o sujeito conquista terreno, quer em termos teóricos quanto físicos, espaciais, especiais, em termos literários, com um texto e em termos fáticos, pois meio da guerra, uma pregressão física na esfera da dominância do outro. Todo o colonialismo é isso, roubo (José Carlos Gomes da Silva, *L'Identité Volée*), ocupação de um espaço que é do uso do outro, e quanto mais tempo passa maior é o uso e o usufruto, sendo por isso há diferentes formas de agir, de pensar e de sentir conforme sejam portugueses, franceses ou italianos. Mas nem tudo é ditado pela geografia. Há maneiras de ser locais, outras cosmopolitas. E, num certo sentido, é tido como útil o conhecimento do antropólogo, primeiro, do filósofo, depois, em termos mais amplos,

envolvendo questões mais universais. Sim, é fundamentalmente a universalidade que une a antropologia social à filosofia, pelo que o discurso sobre o homem nos termos de uma antropologia filosófica pode continuar...

7. A INSTRUÇÃO COLÉRICA E A GUERRA MEDIÁTICA: USOS DA PALAVRA E DO ÓDIO EM CONTEXTOS

Poderíamos falar em termos literários, da biografia de um jovem candidato a cientista social que acabou com a filosofia, não sem antes ter acabado com o convento e a antropologia social. E que, afinal apenas é um escritor que ama a vida, nesse sentido é filosófico. Era poderia ser a história do sujeito. Mas é mais, um mergulho metafísico no universos dos filósofos clássicos e os mais disruptivos e actuais, os americanos,. Porque o mundo há tempo bastante deixou de ser monolítico, por isso prezamos o jovens, pois a juventude é a melhor época da bio-grafia para estudar filosofia, é nesse locus ontológico que se forjem os grandes teóricos da vida, essa coisa que insiste ao nosso recuo ante a verdade do Eu.

Consentaneidade de conteúdos, de signos de mensagem, o rebentamento e consentimento da televisão, a proliferação dos sentidos na internet, de cujo poder alguns se querem aproveitar enquanto outro querem apenas o canhão da Nazaré. Esta doença da sociedade no voyeurismo criminal, do outro morto ou padecente está muito enraizada numa forma de Ser das sociedades primitivas, um espanto, um pasmo ante a

tragédia do outro, em evz de uma capacitação para ao ajudar ou ajudar-se a si mesmo. Por exemplo, nestes nosso dias de chão e práticos, não há outras doenças a matar? Não há acidentes da estrada. Falta critério nos programadores televisivos e falta, a bem dizer, em consciência, perspectiva pedagógica, quando muitos professores gostariam de dar aulas...